



YUCUNET

Colección de guías docentes

PRÁTICAS DE AUTO-GESTÃO EM PORTUGAL

Sandra Viera Jürgens

Universidade Nova de Lisboa

sandravieirajurgens@fcsh.unl.pt

Emília Tavares

Universidade Nova de Lisboa



Resumen

Consideradas anteriormente como experiências disfuncionais e marginais, a acção dos espaços independentes geridos por artistas e curadores adquiriu um novo estatuto e entendimento nas últimas décadas. Esta acção passou a estar enquadrada num campo artístico estendido, descentrado, aberto, ampliado, aumentado, menos rígido e centralizado, com contributos de flexibilidade e informalidade à produção e circulação de projectos e ideias, e uma abertura à experimentação ao nível das práticas artísticas e curatoriais. Associados à iniciativa de auto-gestão de jovens artistas e curadores que usam os seus meios e a sua disponibilidade para produzir os projectos, estes espaços, sem a estabilidade tradicionalmente associada às instituições do sistema artístico, museus e galerias, têm durações variáveis, tendencialmente curtas, em espaços diversos, ateliers, arrecadações ou espaços anteriormente comerciais. Todavia, apesar da curta duração de muitos destes projectos, o seu número crescente e as programações muito variadas permitiram a criação de uma forte dinâmica cultural e urbanística em Portugal, sentida em cidades como Lisboa e o Porto.

Abstract

Previously considered as dysfunctional and marginal experiences, the action of independent spaces managed by artists and curators has acquired a new status and understanding in recent decades. This action came to be framed in an extended artistic field, decentralized, open, expanded, increased, less rigid and centralized, with flexible and informal contributions to the production and circulation of projects and ideas, and an openness to experimentation in terms of artistic practices and curatorial. Associated with the self-management initiative of young artists and curators who use their means and their availability to produce projects, these spaces, without the stability traditionally associated with institutions of the artistic system, museums and galleries, have variable durations, tending to be short, in different spaces, ateliers, storerooms or formerly commercial spaces. However, despite the short duration of many of these projects, their growing number and very varied programs allowed the creation of a strong cultural and urban dynamic in Portugal, felt in cities like Lisbon and Porto.

Em Portugal, é nos anos noventa que o sector alternativo da arte adquire estatuto de circuito, coexistindo com o âmbito institucional e de mercado. Fundamental para esta viragem foi a capacidade dinamizadora dos artistas-curadores que desenvolveram uma actividade complementar no circuito das artes, lançando propostas colectivas de vincado sentido comunitário. Os artistas-curadores vieram assegurar visibilidade ao trabalho das novas gerações de criadores, e ao destacar os percursos dos mais jovens, permitiram por vezes a sua rápida inserção no circuito mais convencional. Estes projectos ficaram igualmente associados à afirmação de princípios de informalidade e por uma intensa cultura expositiva, que viria a ser reconhecida como um modelo próprio de curadoria. Para os artistas, esta dinâmica significou a manifestação de um interesse cultural pelas suas pesquisas, possibilitando-lhes o prosseguimento da sua produção artística e a criação de oportunidades de promoção e reconhecimento de um certo tipo de obras mais experimentais que, pelas suas características, não poderiam ser facilmente canalizadas no circuito galerístico, nem contempladas nos programas institucionais.

De forma a obter uma compreensão do significado global destas iniciativas no panorama artístico português, e das características específicas destes projectos artísticos e expositivos, gostaríamos de apresentar um olhar sistemático sobre a sua emergência e actividade, sobretudo nas cidades do Porto e Lisboa, onde se verificou o seu crescimento continuado desde os anos 90. Se existem hoje publicações e plataformas digitais que oferecem uma documentação identificativa e descritiva, bem como dados informativos sobre a agenda de programação expositiva de muitos destes espaços, continuam a ser pouco frequentes os estudos mais objectivos e que sistematizam e caracterizam esta rede de espaços alternativos e independentes no território português.

Relativamente à realidade dos espaços e projectos geridos por artistas no Porto, é possível identificar e classificar diferentes ciclos de actuação destes projectos e espaços, distinguindo quatro fases, classificadas a partir do final dos anos noventa. Assim, num primeiro ciclo, do final dos anos noventa até 2001, emerge a geração pioneira, onde se inclui a criação do W.C. Container em 1999, um espaço expositivo dirigido por Paulo Mendes e a abertura dos espaços Caldeira 213 e Atmosferas.

A partir de 2001, podemos situar um segundo ciclo que se estende até 2006 e que pode ser considerado o de maior actividade e fulgor destes projectos, que decorreu paralelamente ao impulso da Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura. No contexto desta iniciativa, surgiu,

em Janeiro de 2001, o espaço Maus Hábitos, que ainda hoje ocupa o 4.º andar de um prédio da baixa do Porto. Neste período aumentou o número de espaços e projectos geridos por artistas-curadores. Paulo Mendes dá continuidade ao projecto W.C. Container com o projecto IN.TRANSIT (2002-2009), alojado numa outra sala do Edifício Artes em Partes e surgem igualmente outros espaços geridos por colectivos: Pêssego Prá Semana (2002-2007); o Salão Olímpico (2003-2006); o Senhorio (2004-2009); o Mad Women In The Attic (2005-2009); o Apêndice (2006-2008).

O terceiro ciclo, entre 2006 e 2012, ano da realização do evento Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura, compreendeu a criação de A Sala (2006-2011) e do espaço Uma Certa Falta de Coerência. Este último, foi criado em 2008, pelos artistas Carla Filipe, Mauro Cerqueira e André Sousa na Rua dos Caldeireiros, n.º 77, e ainda se encontra em funcionamento. A sua acção está vocacionada para a exposição e discussão de projectos artísticos de artistas portugueses e internacionais de diferentes gerações, numa zona da cidade que tinha pouca actividade cultural.

Posteriormente, podemos referir um quarto ciclo de existência destes projectos, pós-2012 e até ao presente, caracterizado por uma grande mobilidade e rotatividade da sua durabilidade e ação. Criado em 2013, a Rua do Sol desenvolve uma programação de música, exibição de filmes e ciclo de vídeos, exposições e projectos periódicos como “Saulas”, um espaço de partilha e discussão teórico/prática ou “Espaço do convívio dos homens”, dedicado a questões como o espaço comum, a cidade e a comunidade. O espaço situou-se primeiramente na Rua do Sol n.º 172 e, desde 2015, está instalado na R. Duque de Loulé, n.º 206, em instalações do CCOP (Círculo Católico e Operário do Porto), mantendo igualmente espaços de atelier. Podemos referir igualmente o espaço De Liceiras 18 e o Sismógrafo, iniciados em 2014. O Sismógrafo, programado pela associação Salto no Vazio, situou-se inicialmente num espaço na Praça dos Poveiros, instalou-se depois na Rua da Alegria, n.º 416, e ocupa agora instalações na Rua do Heroísmo n.º 318. Gerido por um colectivo com elementos de várias áreas, desenvolve uma programação com artistas pouco representados institucionalmente, e iniciativas várias ligadas à performance, à música experimental, à literatura e ao pensamento, bem como à edição de pequenas publicações de artista.

A par da Rua do Sol e do Sismógrafo, projectos ainda em actividade na cidade do Porto, a Rampa, espaço criado em 2018, mantém uma programação regular no Pátio do Bolhão, n.º 125, na baixa do Porto, uma semi-cave de 240 metros quadrados cuja rampa deu nome ao projecto. Criado pela associação cultural Rampa 125, integra igualmente um colectivo cujos elementos se distribuem funcionalmente para assegurar actividades de direção, progra-

mação e curadoria. A sua linha curatorial está orientada para as artes visuais e performativas, revelando-se, sobretudo, o desejo de dar visibilidade a artistas do Porto e de desenvolver relações com artistas e curadores internacionais. A tipologia de programação deste espaço integra programas paralelos com conversas, bem como residências artísticas e programas de leituras de portefólios e visitas de estúdio com artistas da cidade, que possibilitam o desenho futuro de projectos expositivos. A sua orientação programática quando comparada com o Sismógrafo e a Rua do Sol, por exemplo, permite reconhecer a internacionalização como distintiva da sua missão. No que diz aos temas que orientam a sua programação expositiva, destacam-se a descolonização, a biopolítica e a condição contemporânea e futura.

Posteriormente, em 2019, surgem o Birra e a Galeria Ocupa, bem como o espaço a Leste, um projecto de posicionamento anti-normativo, criado em 2020. Contudo, ao longo destes anos, muitos espaços e projectos alternativos fecharam, poucos permaneceram. Face a esta condição temporária e efémera, que é característica destas iniciativas, é assinalável ainda assim a sua cíclica renovação, constituindo cada uma delas um contributo fundamental para uma continuada (re)criação de outros espaços. Na cidade do Porto, vimos como o W.C. Container teve continuidade no projecto In. Transit, e tanto a sua acção como a da Caldeira 213 influenciaram o aparecimento de projectos semelhantes. Essa continuidade e renovação periódica é testemunhada pelos seus intervenientes, demonstrando que há um sentido de pertença a uma história em permanente construção e renovação. O legado e a extrema importância da Caldeira 213 para o meio artístico da cidade do Porto, bem como para a constituição de um circuito de espaços independentes naquela cidade são reivindicados, por exemplo, pelos responsáveis do projecto Uma Certa Falta de Coerência.

Circunscrevendo-nos à realidade dos espaços independentes em Lisboa, importa igualmente compreender as mudanças importantes e os ciclos mais importantes da sua emergência e actuação. Criada em 1994, a Galeria ZDB é o espaço mais antigo da cidade, mantendo-se ainda hoje uma referência da actividade independente. Ao longo dos seus anos de existência foi sofrendo reestruturações consecutivas, inicialmente de localização e posteriormente de gestão e direcção. Manteve, contudo, o seu reconhecimento e uma linha de programação orientada para a realização de exposições colectivas e individuais na área das artes visuais, bem como uma forte programação na área da música, e a promoção de uma livraria e de um bar.

Em Lisboa, tal como no Porto, o número de projectos, espaços e artistas envolvidos adquire uma importância crescente no novo século, sobretudo a partir de meados da primeira década. Historicamente, os anos noventa representam o arranque do primeiro ciclo dos projectos e

das iniciativas expositivas pioneiras em Lisboa, desenvolvidos por artistas-curadores, como Paulo Mendes, Pedro Cabral Santo, Alexandre Estrela, João Fonte Santa e por colectivos como os Autores em Movimento e Sparring Partners. Associados a uma época marcada pela dinamização cultural da cidade, fruto dos grandes eventos, como a Lisboa 94 – Capital Europeia da Cultura e a EXPO'98. Após este período, já na primeira década do século XXI, identificamos um segundo ciclo que se estende até ao início da crise financeira de 2008. Estes anos foram particularmente marcados pelo florescimento de uma cena artística lisboeta mais diversificada e mais actuante, com a criação de muitos espaços independentes e o lançamento de muitos projectos culturais expositivos alternativos que, a par da iniciativa institucional e galerística, permitiram a renovação e dinamização cultural da cidade. Deste período data a criação de projectos como: o Slow Motion, criado por Miguel Wandschneider em 2000; o ciclo expositivo Too Drunk To Fuck desenvolvido em 2002 por João Fonte Santa numa casa particular desabitada no Largo do Chão do Mercado do Loureiro, n.º 7, 1.º; o Voyeur Project View que Rodrigo Vilhena geriu entre 2005 e 2009 na Rua de Timor, n.º 14A; a Plataforma Revólver criada em 2006 por Victor Pinto da Fonseca; o Empty Cube, fundado pelo curador João Silvério em 2007; o Carpe Diem – Arte e Pesquisa; e The Barber Shop, um projecto da curadora Margarida Mendes, datado de 2009, que ocupou a artéria da Avenida da Liberdade, que nestes anos veio a agregar muitos projectos. Como foi o caso do primeiro projeto emblemático ali implementado, em 2006, o Avenida 211, da autoria de António Bolota, situado num imponente edifício do século XVIII. O espaço acolhia meia centena de ateliers de artistas de várias gerações e outros espaços e projectos, caso da Kunsthalle Lissabon e mais tarde do Parkour, que se instalaram neste espaço em datas posteriores. Situado numa zona nobre, mas ainda marcada pela desertificação do centro da cidade, fecha em 2014. Após esse desfecho, os artistas tiveram de abandonar as instalações. No lugar do Avenida 211, rodeado por quarteirões de lojas e edifícios de habitação de luxo, nasceria um hotel de quatro estrelas no âmbito do processo de reabilitação urbana e internacionalização da cidade, com vista à criação da sua imagem enquanto centro turístico e cultural por excelência. A Kunsthalle Lissabon e o Parkour tiveram futuros diferentes. O primeiro sofreu uma reestruturação, tendo sido obrigado a mudar de instalações e o Parkour desapareceria, concluindo um ciclo de progamação de projectos de artistas e agentes culturais portugueses e internacionais.

A par do Avenida 211, o espaço Oporto foi criado em 2007, uma iniciativa do artista Alexandre Estrela, que é um exemplo de resistência, de capacidade de adaptação e longevidade. Ao longo deste anos e até à actualidade, mudou de instalações, situando-se inicialmente na zona do Bairro Alto/Santa Catarina e, hoje, na Rua de S. Joaquim, n.º 2, em Campo de Ourique. A reestruturação ocorre igualmente na designação do espaço, passando a chamar-se FarO. Acumulando a função de atelier, a programação expositiva, assumida em conjunto por Alexandre Estrela e por Ana Baliza, dá continuidade ao antigo projecto Oporto, singular no

espectro de espaços independentes em Lisboa, pela sua orientação internacional, dedicada à apresentação de obras fílmicas e de vídeo experimentais.

Significativo, sobretudo a partir do final da primeira década deste século, foi o surgimento de projectos e espaços geridos por agentes culturais que têm por modelo iniciativas propostas por artistas. Com efeito, este tornou-se um campo de actuação que foi gradualmente abarcado pela iniciativa de jovens curadores e outros agentes culturais, nomeadamente, por produtores e programadores, que assim iniciam um percurso profissional. Entre eles, estão a Kunsthalle Lissabon e a Lumiar Cité, que a par da ZDB e do Oporto, se tornaram presenças marcantes em Lisboa, com um percurso de sustentabilidade e resistência. Surgidos já após o advento da crise económica e financeira, conseguem sobreviver ao período de austeridade que se lhe sucede, quando o programa de resgate envia a Lisboa uma Troika composta pelo Fundo Monetário Internacional, pelo Banco Central Europeu e pela Comissão Europeia (2011-2014).

A Kunsthalle Lissabon é um espaço que surge em 2009, na Rua Rosa Araújo, n.º 7, passando posteriormente para um espaço de acolhimento numa sala da Avenida 211. Após o encerramento deste, foram obrigados a encontrar novas instalações numa zona da cidade onde existiam ainda espaços disponíveis e com rendas mais acessíveis. Assim, o projecto encontrou um novo local situado numa cave na Rua José Sobral Cid, n.º 9E, na zona de Xabregas. Com efeito, estes projetos seguem uma tendência inversa à dos anos noventa, então mais concentrados no triângulo cultural Chiado-Rato-Santos, já que a forte pressão imobiliária destes bairros obrigou a uma deslocação para outras zonas menos gentrificadas, como Xabregas, Grilo, Beato e Marvila. Nesta zona vão surgindo cada vez mais espaços culturais, seguindo a tendência de movimentação artística comercial, como a Galeria Filomena Soares, que se instalou aqui em 1999, a Galeria Baginski e mais recentemente as galerias Bruno Múrias e a Francisco Fino. Marcado por uma certa decadência, esta antiga zona industrial e periférica da cidade, passará por mudanças significativas decorrentes do processo de gentrificação. Constituindo uma iniciativa conjunta dos curadores João Mourão e Luís Silva, a Kunsthalle Lissabon apresentou-se no panorama artístico, não enquanto espaço alternativo ou independente, mas como uma estrutura que assumia o desejo de afirmar e indagar as possibilidades de uma nova institucionalidade. Aderindo a modelos alternativos de acção institucional, advogam uma noção expansiva e abrangente de actividade curatorial, que integra múltiplas dimensões discursivas, práticas expositivas, performativas e reflexivas. Ao longo da sua existência, o espaço Kunsthalle Lissabon apresentou artistas portugueses e dedicou igualmente muitos momentos do seu ciclo expositivo a autores e projetos individuais de novas gerações de artistas internacionais, alguns deles em afirmação progressiva na cena internacional e com um percurso significativo em bienais. A sua actividade integra ainda um

política de edição de livros e catálogos dedicada aos artistas com quem trabalharam, e à produção de publicações de natureza mais teórica como *Performing the institution*, com documentação dos seus ciclos curatoriais e textos ensaísticos que congregam referências da sua acção.

Como acontece com a Kunsthalle Lissabon, a Lumiar Cité é um dos exemplos de resistência nesta área e orienta a sua programação para a tipologia de exposições individuais, constituindo uma marca de singularidade dos espaços que emergem e se consolidam neste período. Sendo uma referência no ensino independente, a Maumaus-Escola de Artes Visuais, criou em 2009, uma programação de exposições com artistas portugueses e internacionais na cidade, que desenvolve em paralelo com um programa internacional de residências, e um programa independente de estudos com aulas e seminários sobre diferentes áreas do conhecimento. Tendo sido convidada pela Câmara Municipal de Lisboa a programar um espaço de exposições, localizado na Alta de Lisboa, no novo bairro residencial que expandiu o centro urbano, criaram o Lumiar Cité. Este espaço afirmou-se na produção e programação de projetos expositivos, bem como na oferta de fóruns públicos que privilegiam práticas discursivas e a produção de conhecimentos alicerçados em reflexões e filosofias contemporâneas.

O ano de 2014, marca o desaparecimento de alguns dos espaços emblemáticos da cidade como o Avenida 211, mas também o começo de outros projectos. Alguns deles, surgem na zona da Estrela e Rato, como o Armário e a Zaratan, outros em áreas da cidade menos centrais e nobres, como a Graça e a zona oriental da cidade, que ofereciam ainda disponibilidade de ocupação, mas que têm sido conseqüentemente envolvidos em processos progressivos de gentrificação. Assim, o Armário surge em 2014, na Calçada da Estrela, por iniciativa de Benedita Pestana. Na continuidade do projecto, A Montra, convida e interpela criadores de diferentes gerações a expor num armário, criando obras site specific, ou adaptando a sua instalação naquele que é simultaneamente um espaço e objecto expostivo. Desse ano, data também a criação a Zaratan, um projecto fundado pelos artistas José Chaves e Gemma Noris, que orientaram a sua programação de exposições colectivas e residências artísticas para projectos de artistas mais jovens e com menor representação institucional e galerística. Com uma actividade marcada pelo cruzamento disciplinar, promovem concertos musicais e ciclos de apresentações de carácter mais performativo. Já na zona da Graça, surge em 2015 o HANGAR – Centro de Investigação Artística, por iniciativa da artista Mónica de Miranda e do curador Bruno Leitão, com um programa de exposições e residências para artistas e curadores, workshops e projectos de investigação, direccionados para temas relacionados com o pensamento contemporâneo e alargado a diferentes geografias, culturas e identidades. No âmbito dos projectos da iniciativa de artistas, podemos destacar igualmente o Bregas pela sua especificidade. Desenvolvido pelos artistas plásticos João Pedro Vale e Nuno Alexandre

Ferreira, este foi um espaço de atelier situado na zona de Marvila, na Calçada Dom Gastão, n.º 5, onde a par do que vinham fazendo no seu atelier das Olaias, apresentaram em 2015 uma programação irregular e informal de iniciativas que englobavam também as artes performativas e a música.

O Las Palmas, surgido em 2017 e, o Spirit Shop, em 2018, são também resultado da iniciativa de artistas e do seu objectivo de dinamizar as artes visuais, conferindo atenção a projectos colectivos e a dinâmicas de partilha de criação e exposição. O Las Palmas foi um espaço gerido pelos artistas Aires de Gameiro, Hugo Gomes, Nuno Ferreira e Pedro Cabrita e Paiva, que teve o objectivo de divulgar trabalhos de jovens artistas que, como eles, estavam em início de carreira, oferecendo-lhes um local aberto à experimentação e ao risco. Obrigados a mudar de instalações por diversas vezes, o Las Palmas constitui um exemplo de como a liberalização do mercado privado de arrendamento (Lei n.º 31/2012 de 14 de agosto), afectou fortemente os espaços independentes. Inicialmente estavam situados na Rua da Bica de Duarte Belo, n.º 39 (Chiado, Lisboa), mais tarde, em 2018, na Rua Francisco Tomás da Costa, n.º 34B (Entrecampos), e em 2019, por motivos financeiros mudaram o seu espaço para a Rua Luís Monteiro, n.º 8A, em Arroios. Não obstante estas consecutivas mudanças de instalações, a marca identitária do seu projecto prevaleceu, com o uso do cor-de-rosa nas paredes pintadas dos vários espaços e nos materiais de comunicação do projecto.

Entre 2018 e 2022, também o artista Pedro Barateiro manteve atelier e uma actividade expositiva num espaço da Rua Madalena, o Spirit Shop. Nele apresentou exposições individuais e colectivas com vários artistas portugueses, maioritariamente em início de carreira, e também internacionais com percursos afirmados. Desses anos data também a criação do Ascensor, situado numa cave na Rua dos Baldaques, n.º 47, um projecto da associação goela (fundada em 2013 em Santa Apolónia), organizado por Diogo Pinto e Daniel Antunes Pinheiro, que pretende desenvolver uma programação colaborativa, atenta ao cruzamento de propostas situadas em diversas latitudes históricas e gerações de artistas.

No final da década de 10, em período pré-pandémico, assiste-se a uma nova vaga de projectos. Assim, entre os espaços surgidos em 2019, estão: a PENHA SCO, uma cooperativa cuja programação inclui para além de exposições, performances, projeções, concertos, cursos e seminários, congregando ateliers e residências artísticas; bem como o Duplex Air e mono, que têm as suas instalações na zona da Graça, Anjos e Penha de França, respetivamente; a par do EGEU e de A Ilha que, desde 2015, partilha nessa zona um espaço de ateliers, áreas expositivas, uma livraria e editora especializada em livros de fotografia, a XYZ Books.

Com um perfil semelhante entre si, surgem também em 2019, os espaços UPERCUT e Buraco. Tendo surgido em Chelas, em 2019, por iniciativa do artista António Neves Nobre e Filipa Correia de Sousa, a UPERCUT muda para a Rua Luciano Cordeiro, n.º 49A, onde em 2021, passado o período de pandemia, reinicia uma programação sustentada na criação de diálogos entre duplas de artistas de diferentes gerações, nomeadamente, entre artistas contemporâneos e históricos. O Buraco é um projecto que surge também em período pré-pandemia, em 2019, na Rua da Boavista, n.º 77, mas que pelas perturbações daí decorrentes só viria a desenvolver uma actividade em 2022, já num outro local, na cave de um edifício na Calçada da Estrela, n.º 137. Em termos de programação promovem exposições que colocam em diálogo dois artistas. Estes espaços culturais tiveram claramente dificuldades em continuar a sua acção e viriam a sofrer reestruturações, derivadas tanto das condicionantes de confinamento, devido à pandemia do Covid 19, como da crise económica a ela associada. Assim, aconteceu também com o Verão, um projecto individual de Antonia Gaeta, surgido em 2019, que permaneceu dois anos na Rua da Bombarda, n.º 12, e a partir de Dezembro de 2021, ocupou um novo local na Rua Ferreira Chaves, n.º 12 C/v, em Campolide, numa zona residencial da cidade. Destinado a apresentar exposições individuais de artistas emergentes portuguesas e internacionais, pauta a sua actividade por modos de trabalho atentos à descoberta de autores e à dimensão de singularidade de alguns projectos artísticos contemporâneos. Em 2020, surge O STAND na zona da Penha de França, um projecto colectivo que recebe intervenções artísticas diversificadas num local que traz singularidade à apresentação da sua programação; bem como o espaço expositivo a MALA, co-fundado por Sofia Montanha e Henrique Loja, no bairro da Ajuda. Em 2020, surgem igualmente espaços expositivos criados por iniciativa de artistas individuais, nomeadamente mulheres artistas. Entre eles estão a galeria da Casa A. Molder criada por Adriana Molder e Figura Avulsa de Ana Cardoso, localizada na Rua de Santa Catarina. A galeria da Casa A. Molder surge associada a um loja histórica de filatelia fundada em 1943, por August Molder, situando-se na baixa da cidade de Lisboa, na Rua 1º de Dezembro, n.º 101, 3º andar. Neste projecto artístico Adriana Molder expõe artistas de diferentes gerações e em vários estádios de percurso. Em 2023, é criado o Kindred Spirit, um espaço dirigido pelo curador Sérgio Fazenda Rodrigues, localizado na zona de Santos, que procura ter uma abrangência nacional e internacional através de uma prática curatorial combinada com iniciativas editoriais e de mediação.

Casos representativos das dinâmicas emergentes no território dos espaços independentes portugueses, são também as estruturas surgidas por iniciativa de agentes internacionais, nomeadamente em Lisboa. Entre eles, estão o SYNTAX PROJECT e o Ampersand.

O SYNTAX PROJECT, que emergiu em 2015 teve uma curta duração, mas pode ser um caso exemplificativo da internacionalização dos projectos emergentes após a crise financeira, num

momento em que a cidade, mais cosmopolita, atrai progressivamente habitantes de outras geografias e latitudes. Dirigido pela curadora e crítica Markéta Stará Condeixa, esta estrutura dedicou-se à produção, apresentação e promoção das práticas artísticas internacionais em Lisboa. É também um exemplo dos projectos em reestruturações consecutivas, obrigados à procura de novos espaços disponíveis e mais acessíveis, devido à subida das rendas e ao crescimento dos fundos de investimento imobiliário estrangeiro na cidade. O SYNTAX PROJECT abriu primeiro na Rua da Boavista, n.º 50, mas nesse mesmo ano mudou-se para a Rua Feio Terenas, n.º 23, instalando-se na reta final da sua existência, em 2016, na Rua Coronel Ferreira do Amaral, n.º 21A.

Ainda em funcionamento está o Ampersand, criado em 2017 pela editora Alice Dusapin e o artista Martin Laborde. Situado hoje na Rua do Noronha, n.º 5, desenvolve uma programação expositiva bem como uma actividade associada à editora Daisy e ao projecto editorial octopus notes. Aberto em 2018, NowHere é um projecto da curadora Cristiana Tejo e artista Marilá Dardot, que promove a integração no meio artístico lisboeta de criadores de diferentes nacionalidades, bem como o acompanhamento do desenvolvimento de projectos de artistas, curadores e investigadores.

Com forte presença no Porto e em Lisboa, os espaços independentes têm hoje uma disseminação alargada em Portugal. Com efeito, nas últimas décadas surgiram em diferentes geografias, projectos culturais multidisciplinares que oferecem residências artísticas, oficinas, exposições, conferindo uma atenção às produções portuguesas e internacionais, em contextos locais. Entre eles estão a PADA Studios, no Barreiro; o Osso, nas Caldas da Rainha; o Córtex Frontal, sediado em Arraiolos, no Alentejo; a RAMA, em Torres Vedras. Refira-se ainda A Maior, um projecto expositivo pouco convencional de Bruno Zhu, que numa loja comercial, apresenta intervenções individuais ou colectivas disseminadas por este espaço comercial localizado em Viseu.

Estas iniciativas tiveram um impacto descentralizador e através da sua dinamização implementaram novos caminhos para a difusão e fruição da arte. Elas despertaram o interesse das galerias e das instituições, constituindo-se como modelos e soluções, quer para novos artistas quer para outros espaços criados por agentes culturais. Com efeito, em torno das associações artísticas e culturais enunciadas, foi criada uma dinâmica e energia de trabalho, de diferença e autoconfiança que impulsionou projectos inter-geracionais, e se revelou muito produtiva e até atractiva para o sistema comercial e institucional. É possível reconhecer que as instituições, sobretudo os museus, passaram a mimetizar a informalidade dos espaços alternativos. Por outro lado, a sua natureza pluridisciplinar e a sua capacidade de inserção e

dinamização das malhas urbanas, coloca-os como agentes fundamentais para a afirmação de práticas culturais e artísticas resistentes à gentrificação, inovadoras e actualizantes.

Conclusão

No quadro de instabilidade estrutural da economia portuguesa e com uma pressão turística crescente sobre os seus principais centros urbanísticos, de norte a sul de Portugal, em especial Lisboa e Porto, é notório um crescimento dos projectos alternativos culturais, que se afirmam como redutos de resistência à gentrificação e aos comportamentos autofágicos capitalistas da arte. Na sua maioria reivindicam mais do que uma estratégia de intervenção artística, uma acção interrogativa e atenta sobre as pressões económicas e as assimetrias delas decorrentes, instaurando processos alternativos de gestão e de acção. Nesta esfera, a relação arte e cidade conheceu um importante desenvolvimento nos últimos anos, sobretudo em Lisboa e no Porto, os meios urbanos mais permeáveis à pressão turística, imobiliária e aos vários fluxos migratórios. Os principais meios urbanos sofrem uma generalizada gentrificação, já que a condição periférica de Portugal em relação à Europa, tem sido combatida pelos poderes públicos com incentivos crescentes ao turismo e com Visas Gold, destinados a atribuir vistos a troco de investimentos no país. Este conjunto de circunstâncias tem tido uma resposta cívica por parte destes movimentos associativos artísticos e culturais, cuja acção é, por vezes, efémera quando sustentada de forma autónoma e auto-suficiente, ou mais permanente quando focalizada na captação de fundos públicos que garantam a sua sobrevivência. Localizados e actuantes nos bairros mais degradados ou menos afectados pela especulação imobiliária, gerem estratégias artísticas multidisciplinares, e formas de dinamização inclusivas. Contudo, ocorre frequentemente o fenómeno de supergentrificação, já que muitas destas organizações acabam por operar uma valorização destes bairros por via da sua acção cultural, ainda que o seu objectivo seja permanecer como alternativa à pressão gentrificadora das cidades. Muitas estratégias e modelos de acção destas organizações, contemplam já a consciência deste fluxo aglutinador, inscrevendo-o nos seus programas artísticos e nas suas actividades cívicas. Os modelos de resistência e de discussão crítica são amplos, mas a sua acção, mesmo quando efémera, revela-se fundamental para gerar uma autonomia criativa em contextos normalizadores e economicistas.

Por vontade expressa das autoras, este texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990, actualmente em vigor.

Fuentes de consulta

- ACCORNERO, Guya, e Pedro Ramos PINTO (2015), «Mild mannered'? Protest and mobilisation in Portugal under austerity, 2010-2013», *West European Politics*, 38 (3): 491-515.
- AULT, Julie. (2002). *Alternative Art, New York, 1965-1985: a cultural politics book for the Social Text Collective*. Nova Iorque: The Drawing Center.
- BISHOP, Claire. (2012). *Artificial Hells. Participatory Art and the Politics of Spectatorship*. London/New York: Verso.
- BISHOP, Claire. (2013). *Radical Museology or What's «Contemporary» in Museums of Contemporary Art?*. London: Koenig Books.
- DETERRER, Gabrielle & NANNUCCI, Maurizio. (2012). *Artist-Run Spaces: Nonprofit collective organizations in the 1960s and 1970s*. Zurich: JRP Ringier.
- DOCKX, Nico & GIELEN, Pascal (eds.). (2015). *Mobile Autonomy: Exercices in Artists' Self-Organization*. Amsterdão: Valiz.
- EKEBERG, Jonas. (2003). *New Institutionalism, Verksted #1*. Oslo: Office for Contemporary Art Norway.
- ESTEVENS, Ana (2017), *A Cidade Neoliberal: Conflito e Arte em Lisboa e em Barcelona*. Lisboa: Deriva e Outro Modo.
- ESTEVENS, Ana e CARMO, André, «Arte e cultura, hegemonia e resistência: uma leitura comparada de diferentes territórios de Lisboa», *Etnográfica* [Online], 27(1) | 2023, posto online no dia 03 março 2023, consultado o 08 março 2023. URL: <http://journals.openedition.org/etnografica/13259>; DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.13259>
- GIELEN, Pascal (ed.) (2013). *Institutional Attitudes: Instituting Art in a Flat World*. Amsterdam: Valiz.
- JÜRGENS, Sandra Vieira (2016). *INSTALAÇÕES PROVISÓRIAS: independência, autonomia, alternativa e informalidade. Artistas e exposições em Portugal no século XX*. Lisboa: Sistema Solar (Documenta); IN.Transit Editions; STET – livros e fotografias.
- MÖNTMANN, Nina (ed.) (2006). *Art and its Institutions: Current conflicts, critique and collaborations*. London: Black Dog Publishing.

- MURPHY, Gavin & CULLEN Mark (2016). *Artist-Run Europe: Practices/Projects/Spaces*. Netherlands: Onomatopée.
- O'NEILL, Paul. (2012). *The Culture of Curating and the Curating of Culture(s)*. Cambridge (Massachusetts) and London: MIT Press.
- REGO, Raquel, LOPES, João Braga, SADOCK, Mateus e ESTEVENS, «Espaços alternativos em Lisboa e a resistência à gentrificação», *Etnográfica* [Online], 27(1) | 2023, posto online no dia 03 março 2023, consultado o 12 abril 2023. URL: <http://journals.openedition.org/etnografica/13219>; DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.13219>
- ROSATI, Lauren & STANISZEWSKI, Mary Anne. (2012). *Alternative Histories: New York Art Spaces, 1960 to 2010*. Cambridge (Massachusetts) and London: MIT Press.
- STIMSON, Blake & SHOLETTE, Gregory. (2006). *Collectivism after Modernism: The Art of Social Imagination after 1945*. Minneapolis: University of Minnesota Press.



PROYECTO

ERASMUS+ KA2 CBHE. Establishment of a Yucatan-Cuba network of MA programme in Contemporary Art and Cultural Management YUCUNET-617486-EPP-1-2020-1-ES-EPPKA2-CBHE-JP

Erasmus+
Enriching lives, opening minds.

"El apoyo de la Comisión Europea para la producción de esta publicación no constituye una aprobación del contenido, el cual refleja únicamente las opiniones de los autores, y la Comisión no se hace responsable del uso que pueda hacerse de la información contenida en la misma."



Cofinanciado por
la Unión Europea